

A afirmação do português como língua de ciência:  
o caso da Botânica  
*The affirmation of Portuguese as a language of science:  
the case of Botany*

Rui Abel Pereira\*

*Instituto politécnico de Macau*, Macau, China

**Resumo:** Em uma época em que o latim imperava como língua da ciência, surge em Coimbra, publicada pela Real Officina da Universidade, uma obra determinante para o estudo e o ensino da Botânica em Portugal. Trata-se do *Diccionario dos termos technicos de historia natural*, de Domingos Vandelli. Nesta obra, Vandelli transpõe para o português a terminologia latina usada por Lineu e outros naturalistas europeus, o que, para além de ser uma marca de modernidade, torna acessível a um maior número de falantes do português o estudo das ciências naturais. Neste artigo, além da análise da importância e das particularidades linguísticas da obra – algumas das quais decorrentes da origem do autor, pela sua condição de falante não nativo do português –, prestar-se-á atenção aos aspetos formais da elaboração do texto e às soluções encontradas pelo autor na tradução dos termos latinos.

**Palavras-chave:** Léxico. Terminologia. Ciência. Botânica.

**Abstract:** In a time when Latin prevailed as the language of science, a determining work for the study and teaching of Botany in Portugal arises in Coimbra, published by the Real Officina da Universidade. It's the *Diccionario dos termos technicos de historia natural*, by Domingos Vandelli. In this work, Vandelli transposes into Portuguese the Latin terminology used by Lineu and other European naturalists, which is not only a brand of modernity, but also turns the study of natural sciences available to a major number of people. In this article, besides analyzing the importance and the linguistic particularities of the work, some of

---

\* Professor adjunto do Instituto Politécnico de Macau e membro integrado do CELGA/ILTEC, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal. E-mail: [ruiabelp@gmail.com](mailto:ruiabelp@gmail.com).

them resulting from the author's origin, his condition of non-Portuguese native speaker, we will focus on the formal aspects of the drafting of this document and on the solutions found by the author to translate the Latin words.

**Keywords:** Lexicon. Terminology. Science. Botany.

## 1 INTRODUÇÃO

No século XVIII, as línguas vernáculas alcançam plenamente o estatuto de línguas nacionais no âmbito da difusão da ciência. Movidos por uma intenção pedagógica, por necessidades práticas ou simplesmente por amor ao idioma materno, no final desse século, produzem-se uma série de avanços culturais, entre os quais a crença de que o latim já não é, nem tem de ser obrigatoriamente, a única expressão da ciência e que o português, tal como outros vernáculos europeus, se configura também como apto a expressar o pensamento científico. Esta nova mentalidade abriu caminho à tradução de numerosos tratados científicos, seja do latim, seja de outras línguas. Foi o que aconteceu no domínio da Botânica.

É pela tradução, sobretudo das obras de Lineu (Carolus Linnaeus), famoso botânico, zoólogo e médico sueco, criador da nomenclatura binomial e da classificação científica, que surgem as primeiras tentativas de constituição de uma terminologia botânica em português. Neste domínio, é incontornável o nome de Domingos Vandelli (1735-1816), autor do *Diccionario dos termos technicos de historia natural extrahidos das obras de Linnéo, com a sua explicação, e estampas abertas em cobre, para facilitar a intelligencia dos mesmos [...]* (1788)<sup>1</sup>. No capítulo introdutório a esta obra, o autor revela claramente que ela é fruto de um processo de tradução da autoridade maior das ciências naturais daquela época, Lineu.

Pelo que sendo este estudo tão util, e necessario [...], e digno de que muitas pessoas se applicuem a elle, e consistindo huma das suas maiores difficuldades na intelligencia dos termos, de que os Naturalistas, e principalmente o Cel. *Linnéo* fazem uso; por isso me

---

1 O contributo de Domingos Vandelli na formação e desenvolvimento das linguagens especializadas, em áreas tão diversas como a Botânica, a Agricultura ou a Economia, é destacado, entre outros, por Cardoso (1986; 2003) e Sinner (2009; 2011).

determinei com a maior clareza possível, a traduzilos na nossa língua. Esta tradução incumbi o Dr. *Francisco Jozê Simões da Serra* Demonstrador de Historia Natural, mas a sua morte impedio a acaballa (Vandelli, 1988, p. IV-V).

A elaboração do *Diccionario dos termos technicos de historia natural* (doravante assim designado por motivos de economia, dada a extensão do título) decorre de dois factos fundamentais: (i) a inexistência de uma obra que servisse de referência para o ensino/a aprendizagem da História Natural; e (ii) as orientações emanadas da Coroa para que se elaborassem manuais originais que servissem de apoio ao estudo e ao ensino das Ciências Naturais e das Ciências Físico-Químicas na Universidade de Coimbra.

O passo decisivo para o desenvolvimento dos estudos de História Natural em Portugal foi dado pela reforma pombalina, que, entre outras orientações, determinou a criação de uma Faculdade expressamente orientada para o ensino das Ciências Naturais e das Ciências Físico-Químicas. Chamava-se Faculdade de Filosofia, uma vez que se considerava, nesta época, que tais assuntos, o conhecimento da Natureza nos seus diversos aspetos, faziam parte da Filosofia Natural (Carvalho, 1987). Todavia, havia carência de manuais que servissem de base ao seu ensino. Em nota, Vandelli (1788, p. VI) refere que a única produção de Botânica existente em Portugal era o *Viridarium Lusitanicum*, de Grisley, que Lineu, em carta, lhe havia dito tratar-se de uma obra muito fraca.

Porém, o facto que foi determinante na tomada de decisão de elaborar o *Diccionario dos termos technicos de historia natural* foi uma Carta Régia da Rainha D. Maria I, datada de 26 de setembro de 1786. Nessa carta, a Rainha lembrava a todos os professores da Universidade de Coimbra que a elaboração de manuais de ensino originais era de suma importância para o cumprimento dos *Estatutos* daquela universidade. Nesse sentido, Vandelli foi dispensado da atividade de docência para poder dedicar-se à redação dos *Prolegomena* ao sistema de Lineu e de um manual de Química, que nunca chegou a elaborar (Costa, s.d.).

Imbuído do espírito político, cultural e académico da época, Vandelli aponta vários argumentos que justificam a publicação do seu *Diccionario dos termos technicos de historia natural*: (i) o conhecimento dos produtos naturais contribuiria para a felicidade humana; (ii) a sua leitura seria um bom exercício para os génios mais sublimes; (iii) serviria de recreio e

divertimento para as pessoas que tivessem outras ocupações; (iv) era o resultado natural do crescimento do interesse e dos estudos em História Natural; (v) tornaria acessíveis a todos os interessados, em português e com a maior clareza possível, os termos técnicos latinos usados por Lineu e pelos naturalistas.

Surge, portanto, a consciência de que o estudo das ciências naturais era útil, necessário e digno da dedicação de muitas pessoas, para além de ser um símbolo de modernidade. Todavia, enfrentava um grande problema: o entendimento dos termos até então usados por toda a Europa, dado que a nomenclatura era veiculada internacionalmente em latim, uma língua que muitos estudantes ignoravam ou sobre a qual tinham “fracas luzes” (Brotero, 1788, tomo I, p. V). A este propósito, Verney refere o seguinte:

Antigamente intendiam os doutos, que era necesario saber Latim, para saber as Ciências: mas no-seculo pasado, e neste prezente, dezenganou-se o mundo, e se-persuadió, que as Ciencias sepodem tratar, em todas as linguas. Parece-me que com muita razam: porque a maior dificuldade das-Ciencias consiste, em serem escritas em Latim, lingua que os rapazes nam intendem bem. Onde nam só sabem mal a materia, mas o tempo que deviam empregar, em aestudar, ocupam em perceber a lingua. Com esta advertencia, os Inglezes, Olandezes, Francezes, Alemaens &c. comesáram a tratar todas as Ciencias em Vulgar. Esta oje é a moda. Os melhores livros acham-se escritos, em Vulgar: e qualquer omem que saiba ler, pode intender na prezente era, todas as Ciencias (Verney, 1746, tomo I, p. 122).

Com a publicação em 1788 do *Diccionario dos termos technicos de historia natural*, os estudantes da Universidade de Coimbra, e os falantes de português, em geral, deixam de depender do conhecimento do latim, uma vez que passava a existir uma obra que apresentava na nossa língua os termos de várias Ciências Naturais, entre as quais se incluía a Botânica. Assim, a partir do labor de Domingos Vandelli – mas também de Avelar Brotero, que publicou o seu *Compendio de Botanica*, também em 1788 –, o português assume-se definitivamente como uma língua capaz de veicular com (relativa) exatidão os conhecimentos científicos das ciências naturais.

## 2 ORGANIZAÇÃO DA OBRA

O *Diccionario dos termos technicos de historia natural* de Domingos Vandelli é muito mais do que um dicionário de Botânica. É uma sùmula dos estudos conhecidos sobre os vários domínios abrangidos pela designação “História Natural” enunciada no título. Com efeito, a cada parcela da realidade natural é dedicado um capítulo: “Terminologia 1. dos Mammaes. 2. das Aves. 3. dos Peixes. 4. dos Amphibios. 5. dos Insectos. 6. dos Vermes. 7. da Botanica. 8. e da Mineralogia” (Vandelli, 1788, p. V). Esta organização deixa antever uma hierarquização dos seres da natureza, com os animais a antecederem os vegetais e os seres vivos a prevalecerem sobre os minerais. Mesmo no reino animal, vislumbra-se uma hierarquização de seres, sendo o protagonismo dado aos mamíferos.

Apresentando os termos à maneira dos dicionários, o autor recorre a várias formas de destaque, como o uso de maiúsculas, o itálico e a indentação do texto, para facilitar a pesquisa ao longo da obra.

**MANUS.** Μαῶ.  
 — *Didactylis.* Com dous dedos.  
 — *Tetradactylis.* Com quatro dedos.  
 — *Fiffa.* Os dedos divididos sem membrana.  
 — *Palmata.* Os dedos unidos entre si com membrana.

Figura 1 – Termo *Manus*

Além disso, introduziu índices no final, de modo a facilitar a sua consulta, e anexou algumas imagens para melhor entendimento de alguns termos. No que diz respeito ao domínio da Botânica, a obra apresenta um *Index da Terminologia Botanica* (p. XXIV-XXXVI), com indicações precisas das páginas em que cada um dos termos pode ser encontrado.

## 3 A TERMINOLOGIA BOTÂNICA

A obra em análise apresenta um *corpus* de 929 termos do domínio da Botânica. Cada um dos termos é identificado na sua forma latina, sendo seguido da sua tradução em português e/ou de uma explicação do seu significado na nossa língua, como se pode visualizar na imagem seguinte:

**I. Radix.** Raiz he a parte da planta comque ella está pegada ao lugar do seu nascimento. A raiz he o principal instrumento da nutrição da planta: a raiz está na terra, e cresce debaixo della.

Figura 2 – Excerto do termo *Radix*

Importa salientar que muitos dos termos usados na terminologia botânica não são exclusivos deste *corpus*, nem deste subdomínio das ciências naturais. Refira-se o caso do termo *Barba*, que tanto ocorre no domínio da Botânica (p. 237) como na classificação dos seres pertencentes às classes dos “Mammaes” (p. 2) e das “Aves” (p. 14), embora com significados contextualmente determinados<sup>2</sup>:

“*Barba*. He huma prominencia, que se observa logo abaixo da bocca. *Homo*” (p. 2).

“*Barba*. He composta de pennas simplices [...]” (p. 14).

“*Barba*. Excrescencia pillosa [das plantas], paralela, comprida, unida em feixe á maneira de barba de cabra; os pellos são estendidos rectamente” (p. 237).

Trata-se de uma das primeiras propostas de tradução e/ou explicação em português dos termos latinos que circulavam por toda a Europa e eram usados pelos botânicos mais reconhecidos<sup>3</sup>.

Esse trabalho de reconhecido mérito debate-se, no entanto, com dois problemas embrionários: primeiro, não havia no português uma tradição terminológica nas ciências naturais, portanto havia que encontrar em português termos e expressões que se adequassem ao rigor da linguagem científica pretendida; segundo, tratando-se de um autor de origem italiana, necessitaria superar o facto de o português não ser a sua língua materna<sup>4</sup>, com todas as limitações que isso implica, se bem que não seja claro o grau de participação de Vandelli na tarefa de tradução. De facto, na introdução ao seu *Diccionario* (Vandelli, 1788, p. V), refere claramente que atribuiu essa

2 Observações semelhantes poderiam ser feitas em relação a muitos outros termos, como *Cauda*, *Truncus*, *Nuda*, *Ramosa*, etc.

3 Esta influência é notada por Sinner (2011) no seu estudo do primeiro volume das *Memorias económicas* [...], publicadas pela Academia em 1789.

4 Esta influência é notada por Sinner (2011) no seu estudo do primeiro volume das *Memorias económicas* [...], publicadas pela Academia em 1789.

tarefa ao Dr. Francisco José Simões da Serra, mas que ficou inacabada em virtude de sua morte. Terá Vandelli chamado a si a tarefa de terminá-la? Isso não fica esclarecido. Certo é que a obra é impressa como sendo de sua autoria.

Independentemente das questões autorais, são múltiplas e estruturalmente diversas as soluções de tradução propostas.

### 3.1 O termo latino é traduzido por um termo português

Em muitos casos, ao lado da entrada em latim, apresenta-se o termo equivalente em português. São exemplo disso:

“*Caulis*. Tronco, ou caule” (p. 196).

“*Ala*. A aza” (p. 196).

“*Integer*. Inteiro” (p. 197).

“*Aequalis*. Igual” (p. 7).

A par desta solução, existe uma outra, menos frequente, em que o termo latino é traduzido por um termo português antecedido de “*Sendo*”:

“*Duplicata*. Sendo duplicada” (p. 195).

“*Solida*. Sendo solida” (p. 195).

Noutros casos, o autor acrescenta ao termo português a explicitação do seu significado, com indicação de algumas das suas propriedades (posição, forma, constituição, finalidade, etc.):

“*Radix*. Raiz he a parte da planta comque ella está pegada ao lugar do seu nascimento.

A raiz he o principal instrumento da nutrição da planta [...]” (p. 193).

“*Squamosa*. Chama-se escamosa sendo cuberta de escamas” (p. 195).

“*Vimen*. Vime he qualquer vara flexivel, capaz para atar [...]” (p. 197).

“*Arbor*. A arvore he uma especie de planta perenne, com simples tronco, alto, grosso, rijo, com ramos” (p. 198).

“*Petiolus*. Pesinho, ou *peciolo* he huma especie de tronco, que une, e eleva a folha, e não a fructificação” (p. 232).

Existem ainda alguns casos em que um termo aparece traduzido no interior da explicitação do significado de outro termo (grifos nossos):

“*Petiolata*. [...] Tendo a folha na margem da sua base hum pecíolo (62), ou pé, por

meio do qual se une ao tronco, ou ramo” (p. 212).

“*Auratum*. Representa a figura de uma auricula, ou orelha” (p. 214).

“*Divisum*. Tendo profundas, e grandes lacinias, ou abas” (p. 218).

“*Integerrimum*. [...] Folha destituida de incizuras, ou crenas [...]” (p. 219).

### 3.2 O termo latino é traduzido por uma paráfrase lexicalmente relacionada

Quando o termo latino é uma palavra derivada ou composta, o tradutor usa uma paráfrase que integra a(s) palavra(s) tomada(s) como base(s) derivacional(is) na sua forma vernácula:

“*Biennis*. De dous anos [...]” (p. 194).

“*Ramosa*. [...] Dividindo-se em ramos lateraes” (p. 194).

“*Fusiformis*. [...] De figura de um fuso [...]” (p. 194).

“*Capillata*. A maneira de cabellos” (p. 194).

“*Acaulis*. Faltando o caule [...]” (p. 197).

### 3.3 Remissões

No processo de elaboração da obra, o autor constata a existência de termos muito recorrentes, sobretudo os relativos às propriedades dos referentes botânicos (configuração, orientação, constituição, espessura, etc.), e que a repetição da sua tradução e/ou significação seria muito pouco econômica, sobretudo em uma produção deste tipo. Nesse sentido, por vezes, o autor recorre a remissões para definições anteriormente apresentadas. Um caso paradigmático é o da remissão para os termos que integram o artigo referente à palavra *Folium*:



“Decurrens”, }  
 “Amplexicaulis”, } “V. Folium” (p. 234)

“Erectus seu  
 arrectus”, }  
 “Patens”, } “V. Folium” (p. 234)  
 “Assurgens”, }  
 “Recurvatus”, }  
 “Patulus” }

“Aculeatus”, }  
 “Articulatus”, } “V. Folium” (p. 234)  
 “Nudus” }

### 3.4 Dificuldades de tradução

O texto do *Diccionario dos termos technicos de historia natural* apresenta soluções grafemáticas muito características do período histórico em que foi produzido, o final do século XVIII. Nesta época, o português não tem ainda o que se pode chamar de norma ortográfica, o que possivelmente explica a variação que se verifica na representação grafemática de diversas palavras: *incizuras* / *incisuras* (p. 219); *incizoens* (p. 219) / *incisoens* (p. 238, 250); *representando* (p. 225), *representa* (p. 258) / *representaõ* (p. 250), *representa* (p. 252), *representando* (p. 258); *obtuço* (p. 221), *obtuços* (p. 220), *obtuça* (p. 221) / *obtusos* (p. 219, 221), *obtusa* (p. 221, 228), *obtusas* (p. 219, 220, 226); *pesinbo* (p. 232) / *pezinbo* (p. 238). Em particular, a alternância <s>/<ç> é notória na representação do sufixo adjetivalizador -os-: *carnozos*, *pegajozo*, *ramozos* (p. 224) / *carnosos*, *bulbosos* (p. 204), *monstruosa* (p. 226), *carnosa* (p. 227, 228), *peganhoso*, *pegajoso*, *rezinosas* (p. 239). Outro caso de variação ocorre na representação da terminação de plural -ões: *divisões* (p. 239), *frutificações* (p. 241), a par de *excavaçoens*, *divizoens* (p. 217, 218), *divisoens* (p. 218), *articulaçoens* (p. 243).

Se, pelo menos no que à tradução dos termos latinos diz respeito, é sabido que Vandelli não é o autor de todo o texto, há evidências da sua intervenção na versão final da obra que veio a público. São variados os casos em que o tradutor, de origem italiana, segue por vezes a sua língua materna e não o português. Por exemplo, é frequente o recurso ao dígrafo <gn> para representar a consoante nasal palatal: *ligno* (p. 204) por lenho ou linho; *lignosa* (p. 197, 198) por lenhosa. Além destes, existem outros elementos lexicais e soluções grafemáticas possivelmente explicáveis pela interferência do italiano: *macissa* (p. 198) por maciça; *paó* (p. 197, 204) por pao (hoje *pau*). Não deixa, por isso, de causar estranheza o facto de se referir ao português como “nossa língua”: “por isso me determinei com a maior clareza possível, a traduzilos na nossa língua” (Vandelli, 1788, p. V).

Por outro lado, não obstante o esforço desenvolvido, nem sempre o tradutor consegue encontrar em português uma palavra com o significado do termo que pretende traduzir. À falta de um termo equivalente em português, ou por seu desconhecimento, ou simplesmente por não dar a devida atenção a esse pormenor, alguns termos latinos são imediatamente seguidos da explicitação do seu significado:

“*Parasitica*. Quando a raiz da planta senão serve da terra para tirar o seu nutrimento, mas sim se une a outra planta, da qual se sustenta” (p. 196).

“*Compositus*. se divide em ramos” (p. 196).

“*Viticulae*. São pequenos caules estendidos na terra” (p. 197).

“*Stipes*. Quando a folha sahe immediatamente da base da planta, ou he hum caule transmutado em folhas. he proprio dos Fetos, e Cucumelos” (p. 197).

“*Erectus*. [...] Quando o caule se eleva quasi perpendicularmente” (p. 200).

“*Laxus*. Inclinando-se para algum dos lados, ou pela delicadeza da sua estrutura, ou pelo pezo da sua ponta, formando huma curva” (p. 200).

“*Nutans*. Quando a ponta do caule revirando-se, se poem pendente a prumo [...]” (p. 200).

“*Articulatio*. He a uniaõ das partes, que constaõ de nós” (p. 205).

Como se pode verificar, não se apresenta propriamente um termo que sirva de referência na terminologia portuguesa, mas apenas uma explicação que auxilia os alunos na compreensão e uso dos termos latinos. Algumas vezes, esse esforço didático leva o autor a propor uma comparação para melhor entendimento do termo. Vejam-se os seguintes exemplos:

“*Vaginatús*. Quando as folhas inferiormente o envolvem dentro em si, formando como huma baina [...]” (p. 203)

“*Imbricatus*. [...] As folhas vão cubrindo a base humas das outras a maneira das telhas do telhado” (p. 203)

“*Lanatus*. [...] Quando estes pellos se encurvaõ, e se unem entre si como as teas das aranhas” (p. 204)

“*Declinata*. Dobrando-se [as folhas] para baixo á maneira de quilha de barco” (p. 211)

“*Ciliatum*. [...] A margem da folha he chã de sedas paralelas dispostas longitudinalmente á maneira das pestanas” (p. 220)

“*Barbatum*. Quando estes pellos são paralelos, compridos, juntos entre si, representando deste modo hum feixe, bem á semelhança das barbas das cabras” (p. 225).

Em outros casos, a tentativa de clarificação do termo científico leva-o a usar palavras do vocabulário comum que o leitor/estudante conheceria de outros domínios de referência. É um exemplo disso a tradução do termo *pubes*:

“*Pubes*. He huma excrescencia, ou lanugem, ou armadura, com que se defendem as plantas das injurias principalmente do ar” (Vandelli, 1788, p. 236-237)

Quando não são os fatores linguísticos, são os socioculturais e religiosos que condicionam o trabalho de tradução. Note-se o que se passa no caso do termo *Nuda*:

“*Nuda*. Destituída de tunica” (p. 196).

Na tradução, o autor não recorre ao termo português que lhe equivalia (*nua*), talvez pela significação sexual que evoca, mas a uma

expressão equivalente, sociolinguisticamente menos marcada, quando nos referimos à falta de vestuário. Aliás, a influência dos fatores socioculturais é evidente não apenas neste caso, mas em todos os termos relativos à sexualidade.

Vandelli faz anteceder a “Terminologia da Botanica” de quatro páginas em que apresenta “As Classes das Plantas no Sistema de Linneo” (p. 189-192). O vocabulário utilizado na classificação das plantas do ponto de vista da sua reprodução é muito devedor do utilizado nas relações humanas.

Palavras como “cazamento”, “macho” e “femea”, “marido” e “mulher” ganham um novo sentido quando aplicados nesta área. Por exemplo, usa-se a expressão “Cazamentos das plantas” (p. 189) para referir a união das plantas.

Já a palavra “femea” é usada como equivalente de “pistilo”, um termo com maior tradição na linguagem científica: “As ordens das primeiras treze classes determinam-se pelo numero das femeas, ou pistilos, e na falta destes, pelos dos *stigmas*” (p. 191).

Também as palavras “marido” e “mulher” ganham um sentido novo quando aplicadas à Botânica. Os exemplos seguintes são elucidativos.

- “I. *MONOCLINIA*. Os maridos, e as mulheres no mesmo lugar. As flores são todas hermaphroditas, e os estames com os pistilos estão na mesma flor.
- a. *DIFFINITAS*. Os maridos não tem correlação entre si. Os estames de modo algum estão unidos entre si.  
[...]
- b. *AFFINITAS*. Os maridos chegados, ou parentes. Os estames estão unidos por alguma parte entre si, ou com o pistilo” (p. 189-190).

Nos exemplos apresentados, a explicação e a elucidação de cada termo é feita em dois momentos distintos: um, usando a linguagem comum; outro, seguindo uma formulação mais erudita.

## 4 CONCLUSÃO

Pela publicação de obras de finalidade didática e divulgativa, como o *Dicionário dos termos técnicos de Historia Natural*, de Domingos Vandelli, o português assume-se como língua de ciência, ao serviço da instrução e da massificação do conhecimento, tornando-o acessível a um público mais vasto.

Esta e outras obras publicadas em português no final do século XVIII dão corpo aos desejados caminhos científicos que urgiam na nação. Com o surgimento de uma literatura técnica e científica, majoritariamente traduzida, fomentam-se não apenas os projetos pedagógicos da reforma educativa que marcou o final do século XVIII (a reforma pombalina), mas também os interesses económicos, uma vez que o reino se estendia além-mar por terras de riquezas várias.

Trilhando caminhos inexplorados até então, na elaboração do seu *Dicionário dos termos técnicos de Historia Natural*, Vandelli enfrenta diversas dificuldades. Por um lado, confronta-se com as limitações de uma língua ainda pouco habituada a ser uma língua de ciência. São notórias, em muitos casos, as dificuldades de tradução dos termos latinos, seja pelo desconhecimento ou inexistência de um termo equivalente em português, seja por fatores de ordem sociocultural. A isto acrescem as limitações inerentes ao facto de se tratar de um autor italiano, cujo idioma materno não era o português.

Não obstante a ocorrência de erros linguísticos e o facto de nem sempre usar uma expressão clara ou unívoca, como se exige à linguagem científica, Vandelli orienta o português no rumo da modernidade, afirmando-o como língua de ciência.

## REFERÊNCIAS

Brotero FA. Compendio de Botanica, ou Noçoens Elementares desta Sciencia, segundo os melhores Escretores Modernos, espostas na Lingua Portugueza. 2 volumes. Paris: Caza de Paulo Martin, Mercador de Livros; 1788.

Cardoso JL. Os escritos económicos e financeiros de Domingos Vandelli. *Ler História*. 1986;13:31-51.

Cardoso JL. A história natural e a ciência económica na obra de Domingos Vandelli. In: Vandelli D. Memórias de história natural. Porto: Porto Editora; 2003. p. 1-25.

Carvalho R. A História Natural em Portugal no século XVIII. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa; 1987.

Costa AA. Domenico (Domingos) Vandelli (1730-1816). Lisboa: Sociedade Portuguesa de Química. Disponível em: <<http://www.spq.pt/files/docs/Biografias/Domingos%20Vandelli%20port.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2017.

Sinner C. O tratamento da terminologia e a nomenclatura de Lineu nas Memórias económicas de Domingos Vandelli de 1789. In: Eckkrammer EM, editora. La comparación en los lenguajes de especialidad. Berlim: Frank & Timme; 2009. p. 163-172.

Sinner C. Língua e terminologia nas Memórias económicas de Domingos Vandelli de 1789. *Estudis Romànics*. 2011;33:7-22.

Vandelli D. Diccionario dos termos technicos de Historia Natural extrahidos das obras de Linnéo, com a sua explicação, e estampas abertas em cobre, para facilitar a intelligencia dos mesmos. E a Memoria sobre a utilidade dos Jardins Botanicos que offerece a Raynha D. Maria I. Nossa Senhora Domingos Vandelli Director do Real Jardim Botânico, e Lente das Cadeiras de Chymica, e de Historia Natural na Universidade de Coimbra. Coimbra: Na Real Officina da Universidade; 1788.

Verney LA. Verdadeiro metodo de estudar: para ser util à Republica, e à Igreja: proporcionado ao estilo, e necessidade de Portugal. / Exposto em varias cartas, escritas polo [sic] R. P. \*\*\* Barbadinho da Congregasam de Italia, ao R. P. \*\*\* Doutor na Universidade de Coimbra. Valensa [Nápoles]: na oficina de Antonio Balle; 1746. Tomos I e II.